



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

SILVANA PEREIRA SANTOS EMÍDIO

**TRABALHO ESCRAVO NO PIAUÍ: AS PRÁTICAS ESCRAVOCRATAS
E AS FORMAS DE RESISTÊNCIAS NO PIAUÍ OITOCENTISTA (1840-
1890).**

PICOS-PI.
2019.

SILVANA PEREIRA SANTOS EMÍDIO

**TRABALHO ESCRAVO NO PIAUÍ: AS PRÁTICAS ESCRAVOCRATAS
E AS FORMAS DE RESISTÊNCIAS NO PIAUÍ OITOCENTISTA (1840-
1890).**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí– UFPI para obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em História, sob a orientação do professor Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

PICOS – PI
2019.

SILVANA PEREIRA SANTOS EMÍDIO

**TRABALHO ESCRAVO NO PIAUÍ: AS PRÁTICAS ESCRAVOCRATAS
E AS FORMAS DE RESISTÊNCIAS NO PIAUÍ OITOCENTISTA (1840-
1890).**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí– UFPI para obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em História, sob a orientação do professor Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

APROVADO EM: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro – Orientador
Universidade Federal do Piauí

Prof. Ms. José Lins Duarte – Examinador
Universidade Federal do Piauí

Profa. Ms. Rannyelle Rocha Teixeira – Examinador
Universidade Federal do Piauí (PARFOR)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por sempre está guiando os meus passos e a minha mãe, minha família e amigos pelo o apoio incondicional durante minha jornada acadêmica.

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

E533t Emídio, Silvana Pereira Santos

Trabalho escravo no Piauí: as práticas escravocratas e as formas de resistências no Piauí Oitocentista (1840-1890). / Silvana Pereira Santos Emídio - 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo online da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro”

1. História-Trabalhadores escravizados. 2. Escravos – resistência. 3. Jornais.
I. Monteiro, Francisco Gleison da Costa. II. Título

CDD 331.117

Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE-001510/O



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cicero Duarte N° 905, Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (06) dias do mês de dezembro de 2019, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **SILVANA PEREIRA SANTOS EMÍDIO** sob o título **TRABALHO ESCRAVO NO PIAUÍ: AS PRÁTICAS ESCRAVOCRATAS E AS FORMAS DE RESISTÊNCIAS NO PIAUÍ OITOCENTISTA (1840-1890)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador 1: Prof. Me. José Lins Duarte

Examinadora 2: Profa. Ms. Rannyelle Rocha Teixeira

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,5.

Picos (PI), 06 de dezembro de 2019.

Orientador (a): Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador (a) 1: José Lins Duarte
Examinador (a) 2: Rannyelle Rocha Teixeira

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre estar presente em minha vida e na vida da minha família, nos guiando pelo caminho do bem, dando-me fé e sabedoria para que pudesse seguir em frente apesar dos pesares. Ao meu Deus, toda honra e toda glória, é dele e pra ele todas as coisas do mundo.

Agradeço também a minha mãe, Maria de Jesus, exemplo de força e dedicação aos filhos que mesmo sendo analfabeta funcional, persistiu para que seus filhos tivessem estudo, me incentivando a retornar aos estudos depois de algum tempo parada, mulher guerreira como tantas outras que cuidam dos seus filhos sozinhas, representando o papel de pai e mãe ao mesmo tempo, é ela toda a minha inspiração. Agradeço aos meus irmãos Francisco e Fransuelton que mesmo sem saberem, me ajudaram nesta nova etapa de minha vida ao qual se chega a parte que consideramos como final, também é por eles que busco por mudanças através do estudo. Em memória ao meu pai Raimundo Nonato dos Santos e minha vó materna Maria Anísia, amores que se fazem presente mesmo na ausência física, onde a saudade é grande e companheira das noites de estudos.

Aos meus amados filhos, Lucas Maxuel e Lívia Maria, a melhor parte de mim, meus maiores incentivos, a força que me faz permanecer de pé a cada dia de dificuldade, é por eles e pra eles que busco sempre um futuro melhor, ao qual, sem o apoio deles não seria possível, pois me fornecem todas as bases necessárias e por isso me esforço a cada dia em busca de retribuir tudo o que me dão diariamente. Os amo imensamente, e agradeço a toda minha família pelo incentivo cotidiano e por sempre confiarem em mim.

Agradeço também aos professores do curso de História do CSHNB, por terem contribuído de forma significativa para a minha formação acadêmica, e de modo especial ao professor orientador Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro pelo trabalho desempenhado aos seus orientandos, os encorajando e. Ao professor Dr. Raimundo Lima, coordenador dos projetos ao qual participei ao longo desta jornada, PIBID e Residência Pedagógica, que me ensinaram muito a entender o caminho escolhido por mim até aqui. Ao NUPEDOCH, projeto de extensão que veio só a somar a minha jornada acadêmica. Aos amigos e colegas do curso que se fizeram presentes e companheiros durante esses anos de curso, em especial a Fernanda e Thalia que durante um bom tempo me acompanharam por essa caminhada, a Adriana que permaneceu comigo desde o início e quero levar por toda a vida e a Lívia e Kellya que conseguiram preencher um espaço enorme em minha jornada e que espero que continuem presente sempre. A Nanda Holanda, que iniciou o curso junto comigo, não permaneceu nesta jornada, descobrindo a sua própria, mas mesmo assim, continuou presente comigo até aqui, meu muito

obrigada por sempre acreditar em mim. A todos que desacreditaram que conseguiria, obrigada, vocês foram um bom incentivo e me serviram de alicerce para que eu continuasse a caminhada escolhida por mim. Aos que acreditam em mim, espero ter retribuído de alguma forma, o meu muito obrigada de coração.

Há muito mais pessoas a quem agradecer e que mesmo sem serem citados aqui, contribuíram positivamente para essa minha conquista. Obrigada a todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram para a construção dessa pesquisa e pela minha formação acadêmica.

“A escravidão é um mal que não devia acontecer a ninguém.”

12 Anos de Escravidão, 2013.

RESUMO

O presente trabalho busca tratar sobre o trabalho escravo no Piauí Oitocentista entre os anos de 1840 a 1890, assim como visa abordar as formas de resistências, as conquistas e a construção de identidades destes indivíduos. O ponto inicial para esta temática se deu pela necessidade de um melhor entendimento do assunto proposto, ao qual buscamos entender as questões escravocratas do Piauí durante o século XIX, assim como compreender a condição da mulher no trabalho escravo, percebendo também as aproximações e diferenciações do tratamento dado aos trabalhadores escravos e aos trabalhadores livres. Para tal, será feito uso de alguns jornais da época analisada como: “A época: Órgão Conservador e o Diário de Pernambuco”, encontrados na Hemeroteca Digital Nacional, com maior ênfase na biblioteca digital do Rio de Janeiro (capital do Brasil na época em questão), assim como do Arquivo Público do Piauí. O embasamento teórico desta pesquisa se fará a partir das leituras dos autores (as) como Solimar Oliveira Lima, Gilberto Freyre, Francisca Raquel da Costa, entre outros que poderão surgir ao longo da pesquisa.

PALAVRAS CHAVE: História. Trabalhadores escravizados. Resistência. Jornais.

ABSTRACT

The present work seeks to deal with slave labor in the Eighteenth-century Piauí between 1840 and 1890, as well as to address the forms of resistance, the achievements and the construction of identities of these individuals. The starting point for this theme was the need for a better understanding of the proposed subject, which we seek to understand the slave issues of Piauí during the nineteenth century, as well as to understand the condition of women in slave labor, also realizing the approaches and differentiations of the slave. Treatment of slave workers and free workers. To this end, we will make use of some newspapers of the time analyzed as: "The time: Conservative Organ and the Journal of Pernambuco", found in the National Digital Hemeroteca, with greater emphasis on the digital library of Rio de Janeiro (capital of Brazil at the time in as well as the Piauí Public Archive. The theoretical basis of this research will be based on the readings of authors such as Solimar Oliveira Lima, Gilberto Freyre, Francisca Raquel da Costa, among others that may emerge throughout the research.

KEY WORDS: History. Enslaved workers. Resistance. Newspapers.

LISTA DE IMAGENS/ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Imagem de jornal anunciando venda de escravo.....	28
Ilustração 2: Escravo sendo chicoteado em meio à praça pública.....	34
Ilustração 3: Escrava sendo castigada através da palmatória.....	34
Ilustração 4: Imagem de jornal com a notícia da abolição da escravidão.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A ESCRAVIDÃO NO PIAUÍ OITOCENTISTA	18
1.1 As práticas escravocratas do Piauí.....	18
1.2 A mulher escrava.....	23
2 AS FORMAS DE RESISTÊNCIAS DOS TRABALHADORES ESCRAVIZADOS NO PIAUÍ DOS OITOCENTOS.....	28
2.1 As formas de castigo praticadas pelos donos de escravos.....	29
2.2 Os escravos retratados nos jornais e a resistência escrava: Enfim, a tão sonhada liberdade.	34
Considerações Finais.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

O tema proposto teve como ponto de partida para se pensar a pesquisa, uma aula ministrada pelo professor Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos¹ durante a disciplina de Piauí II do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos - PI, com a temática sobre *os trabalhadores escravizados*² do Piauí Oitocentista no qual o mesmo fez o uso do capítulo 3 do livro “Braço Forte” do autor Solimar Lima³, este capítulo em questão trata das formas de controle e resistência dos trabalhadores escravizados do Piauí no século XIX, fato esse que nos chamou a atenção acerca da temática.

Perante as questões que surgiram ao longo da aula e o fato dos estudos sobre este período da historiografia piauiense ainda serem mínimos, sendo ainda mais escassa a produção de uma história que trate sobre esses sujeitos “marginais”, surgiu nosso interesse de trabalharmos estes sujeitos históricos inserindo-os na condição de peça central do estudo, buscando compreender a sua construção de identidade dentro da sociedade piauiense dos oitocentos. A pesquisa em si tem sua relevância dada à importância de se abordar esta temática quando observamos nos dias atuais, conquista as quais essa classe teve grande participação, de certa forma, sendo desfeita. É notório o grande acervo documental que temos sobre tal temática e recorte temporal, documentos esses, mal ou pouco utilizados. Buscando compreender a relação existente entre os senhores de escravos, os trabalhadores escravizados e seus mecanismos de resistências, precisamos nos reter ao período que vai de 1840 a 1890, sabendo que grandes serão nossos desafios para tentar estabelecer uma conexão que resulte em algo novo e único para a historiografia piauiense do século XIX.

As hipóteses que nos norteiam nesta pesquisa é o resultado da nossa reflexão sobre a escravidão no Piauí assim como às relações sociais entre os escravos e seus senhores que foram marcadas principalmente pela violência e pela repressão as peculiaridades escravistas, como forma de entendimento, pois sabemos que a origem e formação do Piauí encontra-se

¹Professor efetivo da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos – PI.

²Termo utilizado no livro citado para denominar os escravos que mesmo libertos, trabalhavam de forma abusiva, comparativa ao regime escravocrata.

³Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Piauí (1985), Bacharel em Direito pela Faculdade Maranhense São José dos Cocais (2013), Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1993), Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001), Pós-Doutorado em História pela Universidade Federal da Bahia (2017). Professor Titular da Universidade Federal do Piauí, lotado no Campus Amilcar Ferreira Sobral, Floriano, no Curso de Administração, Núcleo de Pesquisas sobre Africanidades e Afrodescendência -IFARADÁ e Núcleo de Pesquisa e Extensão em Economia Solidária - NUPEES. Pesquisa escravidão colonial, relações de trabalho contemporâneas, economia popular solidária. Pesquisador ativista dos Movimentos sociais e Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/2147360/solimar-oliveira-lima>> acesso em 20 de novembro de 2019.

diretamente ligada a vida escrava. Portanto, o referido trabalho se faz importante na medida em que irá ter como foco algumas questões ainda são pouco estudadas dentro da nossa historiografia como, por exemplo, a questão da mulher dentro do trabalho escravo e os mecanismos de resistência deste povo.

Ao trabalharmos a temática escravista no Brasil, temos como um grande clássico do escritor Gilberto Freyre, “Casa grande e senzala”⁴, que aborda perfeitamente as questões de relação do escravo com o senhor de escravo, exaltando de maneira magnífica a formação de nosso povo, mas em nenhum momento tenta esconder as mazelas de uma sociedade patriarcal, analfabeta e violentada desde a infância. Tratando de nível piauiense sobre a nossa abordagem, analisamos nomes como o de Solimar Lima, Mairton Celestino⁵, Francisca Raquel da Costa⁶, entre outros que trouxeram suas contribuições para o tema proposto. Partindo destas leituras, percebemos a necessidade de se trabalhar a escravidão no Piauí oitocentista, em especial no período que corresponde 1840-1890. Perceber como se dava as formas de resistências assim como o papel da mulher dentro desta abordagem se faz de suma importância para nós acadêmicos de história como também para a sociedade como um todo.

Ao analisarmos a temática proposta nos veio a busca pelos referenciais teóricos ao qual poderíamos trabalhar e abordar suas principais teorias acerca da escravidão piauiense dos oitocentos em especial ao período que corresponde de 1840-1890. Ao escolhermos abordar a temática dos Trabalhadores escravizados do Piauí Oitocentista, percebendo suas lutas, suas conquistas e as construções de identidades desses sujeitos, nos deparamos com fontes nada convencionais que são as retratações jornalísticas da época analisada através da Hemeroteca Nacional da Biblioteca do Rio de Janeiro, através deste caminho escolhido percebemos a necessidade de trabalhar autores que abordam com bastante ênfase o trabalho escravo no Brasil e, por conseguinte no Piauí. Assim sendo, nos deparamos com o escritor Gilberto Freyre que vai abordar a temática acerca dos jornais na seguinte perspectiva:

Os negros fugidos foram-se sumindo aos poucos, escondendo-se nos cantos das páginas, encolhendo-se em tipo miúdo, perdendo seu antigo luxo de pormenores, de um realismo como não há igual em nossa literatura, deixando

⁴Casa-grande & senzala é considerado um dos livros fundamentais para se compreender a história e a composição do Brasil, livro do intelectual Gilberto Freyre é considerado o maior clássico da sociologia brasileira. Longe de romantizar o colonizador português, o sociólogo exalta a importância da miscigenação e da mistura das três raças que formaram o nosso povo.

⁵SILVA, Mairton Celestino da. *Batuque nas ruas dos negros: Cultura e polícia na Teresina da segunda metade do século XIX*. Salvador – BA, 2008.

⁶COSTA, Francisca Raquel da. *Escravidão e Conflitos: cotidiano, resistência e punição de escravos no Piauí*. (1850-1888), Teresina: EDUFPI, 2014.

de aparecer com títulos em negrita, às vezes avivados pela figura – quase um borrão – de um negro com a trouxa às costas, fugindo da casa do sinhô.⁷

Percebemos através desta citação, que as rotas de fugas dos escravos eram um mecanismo de resistência dos mesmos até a chegada da abolição ou do ganho/compra das cartas de alforrias que veio como uma conquista para estes sujeitos mesmo que a situação de trabalhadores escravizados perdurasse por um bom tempo. Outro estudo que aborda a temática jornalística é da autora Talyta Marjorie Lira Sousa que trata sobre “História e Memória da População Negra: Os Escravos nos Anúncios de Jornais Teresinenses no Século XIX”, trabalhando a questão senhor/escravo, como era dada a notícia da fuga dos escravos através dos jornais de circulação em nível de Brasil, a autora cita que:

Os jornais brasileiros do século XIX são fontes ricas na investigação sobre a sociedade daquele momento, pois, através de seus registros, é possível perceber o cotidiano, as atividades comerciais, a concepção de comportamento e moralidade da sociedade. Naquela época, o trabalhador escravizado era presença marcante nas páginas dos periódicos, seja na forma de contos, de crônicas, de noticiários ou mesmo em anúncios. A análise dos anúncios de jornais referente a escravizados veio trazer grande contribuição para a elucidação de parte tão desconhecida da nossa história, mais do que isso: a análise sistemática de anúncios relativos a escravizados nos jornais brasileiros do século XIX permitiu chegarmos a importantes conclusões ou interpretações de caráter antropológico quer psicossomático, quer cultural, através das descrições oferecidas das figuras, falas e gestos de negros – ou mestiços – à venda e, sobretudo, fugidos: altura, formas de corpo, pés, mãos, cabeça, dentes, modos de falar, doenças.⁸

Trabalhar com fontes jornalísticas é de certo de um engrandecimento sem valor, perceber como o trabalhador escravizado era descrito nos jornais é como se estivessem produzindo um retrato falado do negro fujão, a riqueza de detalhe dada a essa fonte é magnífica. Para além do Gilberto Freyre e Talyta Marjorie Lira, vamos trabalhar com o Solimar Oliveira Lima com sua abordagem das resistências escravocratas pelas fazendas da nação no Piauí, aonde o autor vai nos dizer que depois de libertos ou trabalhadores escravizados retornam as fazendas para segundo o autor “vaquejar o próprio gado”, visto que ao longo da nossa leitura observamos que os escravos tinham direito ao sistema de “quarta”⁹, que servia mais como uma forma psicológica de prender os escravos as fazendas públicas da nação, porém esse era mais um direito negado aos escravos. Segundo Solimar Lima destaca:

⁷FREIRE, Gilberto. *Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*, 1ª edição digital São Paulo 2012.

⁸SOUSA, Talyta Marjorie Lira. *História e Memória da População Negra: Os Escravos nos Anúncios de Jornais Teresinenses no Século XIX*. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.) *Escravidão negra no Piauí e temas conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014.

⁹Os escravos denominados no texto de Solimar Lima já como afrodescendentes, a cada quatro crias de animais em especial o gado, criadas anualmente os escravos recebiam uma.

O sistema era, na verdade, uma falácia. Visava criar no trabalhador escravizado a ilusão de poder apropriar-se de parte de seu trabalho e de ser um trabalhador escravizado menos explorado. Servia, portanto, como um instrumento de controle e disciplina.¹⁰

Podemos perceber como mencionado anteriormente que o sistema de quarta era mesmo uma forma de manter os escravos sobre o domínio de seus proprietários, e não visava o bem estar desses sujeitos, forma de controle para que os mesmos não fugissem ou se já tivessem sua liberdade não fossem embora dessas fazendas de gado que surgira no Piauí. A Francisca Raquel da Costa faz um apanhado sobre o escravo através do cotidiano, dos conflitos entre escravos e donos de escravos, das formas de resistências assim como as punições, os castigos dados aos escravos tidos como rebeldes. Sabemos que as punições eram algo constante na vida dos escravos, penalidades essas de teor desumano e de crueldade difíceis de ser imaginadas nos dias atuais e que mesmo após o ganho a liberdade, continuava a serem explorados e punidos dia após dia, a autora cita que:

Como se não bastasse todo o sofrimento causado pela privação da liberdade no decorrer de suas vidas, os trabalhadores escravizados depois de conseguirem conquistar a sua liberdade através das alforrias, concedidas ou compradas, ainda continuavam sendo explorados por seus antigos senhores. Reduzidos novamente à escravidão, estes trabalhadores procuravam as autoridades policiais e judiciais para denunciarem a exploração sofrida dentro das propriedades de seus senhores. Desse modo, homens e mulheres escravizados buscavam garantir o direito adquirido com as alforrias, lutando na justiça, através das ações de liberdade e reivindicando o direito de serem livres.¹¹

Outro fato que nos falam sobre a questão referente aos castigos aos trabalhadores escravizados é o trazido pelo Ricardo F. Pirola que nos traz menção sobre a lei de outubro de 1886 que aboliu os castigos da “pena de açoites” em escravos, lei essa que nem sempre fora cumprida, mas que podia levar os proprietários de escravos à justiça enfrentando processo contra a prática de açoitar os seus escravos.

O fim da pena de açoites, contudo, não representava a extinção do castigo senhorial, segundo buscaram esclarecer os parlamentares quando da aprovação daquela lei. Para os representantes da nação na Corte, o artigo 14, parágrafo 6º, do Código Criminal do Império, que considerava o “açoite moderado” aplicado pelos senhores em seus escravos um “crime justificável”,

¹⁰LIMA, Solimar Oliveira. *Formas de controle e resistência dos trabalhadores escravizados*. In: Braço forte: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí (1822-1871). Passo Fundo: UPF, 20005.

¹¹COSTA, Francisca Raquel da. *Além da Liberdade: Práticas de reescravização de libertos e pessoas livres no Piauí. 1850-1888*. CONTRAPONTO: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 3, n. 1, agosto de 2014.

mantinha-se intacto. A escravidão encolhia, mas resistia em abrir mão de mecanismos considerados essenciais para a manutenção da ordem.¹²

Em vias de fato, a lei pouco foi cumprida, visto que toda prática do negro escravo que era considerada como infração, era castigada pelo o açoite. Para além desses autores citados acima, trabalharemos também com Mairton Celestino da Silva, fazendo uso da sua dissertação de mestrado ao qual o mesmo vai abordar a chegada dos escravos a cidade de Teresina, atual capital do Piauí, onde foram para trabalhar na construção da nova capital, ao quais os trabalhadores escravizados e livres tiveram que traçar mecanismos de sobrevivência como também de divertimento para aguentarem as precariedades ao qual estavam expostos.

Recrutados a partir das Fazendas Nacionais, os escravos percorriam um longo caminho até chegarem ao local das obras, fossem por barcos ou pelas poucas estradas que davam à povoação do Poti. Responsáveis pelo carregamento de pedras e madeiras para as construções dos prédios e residências da cidade, esses escravos tinham que suportar as insuficientes rações diárias concedidas pela comissão encarregada das obras públicas.¹³

Mairton Celestino vai levantar questões culturais e do cotidiano desses sujeitos assim como o papel da polícia dentro deste contexto, tornando em um viés político e de controle social a partir da chegada da família real no Brasil, onde cabia à polícia manter a civilização dos cidadãos assim como acabar com a barbárie provocada pela “perigosa e culturalmente estranha população africana (SILVA, 2008, p. 58)”. Além das fontes digitais, dos jornais, foi usado também autores conceituados que abordam a temática dos trabalhadores escravizados do Piauí oitocentista como é o caso do Solimar Oliveira Lima¹⁴, o Rodrigo Caetano Silva¹⁵, Francisca Raquel da Costa¹⁶ entre outros estudiosos nesta abordagem estabelecida em nossa pesquisa.

Ao longo da nossa pesquisa, buscamos esclarecer as questões levantadas sobre o tema proposto para a mesma, buscar uma maior compreensão do trabalho escravo cabido a mulher, assim como desvendar alguns dos mecanismos de resistências dos trabalhadores escravizados como também analisar uma possível construção de identidade desses sujeitos históricos.

¹²PIROLA, Ricardo F. *O castigo senhorial e a abolição da pena de açoites no Brasil: Justiça, imprensa e política no século XIX*. rev. hist. (São Paulo), n.176, a08616, 2017.

¹³SILVA, Mairton Celestino da. *Batuque nas ruas dos negros: Cultura e polícia na Teresina da segunda metade do século XIX*. Salvador – BA, 2008.

¹⁴Professor Titular da Universidade Federal do Piauí, lotado no Departamento de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Economia Regional e Núcleo de Pesquisas sobre Africanidades e Afro descendência - IFARADÁ.

¹⁵Pesquisador do Núcleo de Estudo e Pesquisa História do Piauí Oitocentista e do GEPEAM - Grupo de Estudo e Pesquisa da Escravidão e Abolicionismo na Amazônia, ambos cadastrados no CNPq.

¹⁶Atualmente é professora do quadro efetivo do IFPI, Campus Teresina Central. Atua nos seguintes temas: História, Escravidão, Memória e Afro descendência, Relações Raciais e Educação.

Ressaltando que todas as abordagens levantadas aqui, assim como a escolha dos autores citados e dialogando com as fontes escolhidas, nos permite uma ampla margem para se fazer a pesquisa.

No primeiro capítulo, iremos trabalhar a questão escravocrata no Piauí Oitocentista, como se dava essa prática, a figura da mulher escrava no Piauí, abordando como a bibliografia relacionada aqui destacavam tais assuntos e observar como se dava a narrativa dos jornais sobre os escravos. Já no segundo capítulo, abordaremos as formas de resistências escravocratas dos oitocentos, como se davam os castigos dados pelos senhores de escravos e a tão sonhada liberdade condicionada aos escravos. Analisaremos essas teorias levantadas através dos jornais encontrados do período através da Hemeroteca Nacional Digital do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 1: A ESCRAVIDÃO NO PIAUÍ OITOCENTISTA

Na tentativa de percorrer sobre um tema bastante pertinente na História do Brasil nos deparamos com o tema acerca da escravidão no Piauí durante os oitocentos, visando como se dava as formas de trabalho escravo ao qual eram submetidos, compreendendo o papel escravo na construção/formação da economia e sociedade piauiense, dentre outras questões a serem evidenciadas ao longo da pesquisa. Ao abordarmos a condição do escravo no Brasil, somos muitas vezes tentados a salientar repetidamente a situação degradante desses sujeitos históricos, modo este não escolhido por eles, mas impostos sem qualquer tipo de argumentação que não fossem castigadas de forma cruel e desumana.

Pensando nesta questão é que este capítulo busca entender quais as práticas escravocratas eram implantadas no Piauí durante o recorte temporal estabelecido, se houve ou não diferença das outras províncias brasileiras que aderiram a essa forma de trabalho, utilizando os textos que darão base a pesquisa, como por exemplo, o Solimar Lima em “Braço Forte”, a Francisca Raquel da Costa com o trabalho “*Os diversos olhares sobre a escravidão no Piauí*”, a mesma autora com o texto “*Os reduzidos à escravidão: Exploração dos trabalhadores libertos e a intervenção do poder judiciário nas relações entre senhores de escravos no Piauí (1850-1888)*”, dentre outras obras e autores que foram utilizados ao longo deste trabalho.

Buscamos também compreender qual era a relação do trabalho escravo dos homens em relação ao trabalho da mulher, verificando qual seria a função, ou seja, o papel da mulher escrava. Neste contexto, o autor Paulo Roberto de Carvalho Dantas faz apontamentos sobre a mulher escrava no seu trabalho intitulado “*Negras e Mulatas na Vida Sexual da Família Piauiense no Século XIX*”, entre outros. Por tanto, nesta parte do trabalho, abordaremos as práticas escravocratas que predominavam no Piauí oitocentista, qual era o papel da mulher escrava neste Estado, assim como o escravo era retratado nos jornais de grande circulação da época aqui analisada.

1.1 AS PRÁTICAS ESCRAVOCRATAS NO PIAUÍ OITOCENTISTA

Ao buscarmos entender o contexto escravocrata do Piauí oitocentista é necessário que consigamos compreender esse sistema de trabalho forçado no Brasil como um todo, visto que nosso país foi um grande receptor de escravos africanos em seu período como colônia portuguesa, persistindo durante alguns séculos antes que se efetivasse a liberdade escrava. O Brasil era um país de imensa variedade étnica assim como continua sendo até os dias atuais, e deste modo, entendemos que para além da escravidão negra, nestas terras houveram outras modalidades ou tentativas de escravização de etnias diferentes como podemos citar a tentativa

e escravização dos nativos da terra, porém pode-se dizer que as demais, seguiram de forma mais branda com a praticada com os negros africanos, mas também entendemos que toda forma de escravidão por si só, já é uma prática desumana e inaceitável. Solimar Lima e Débora Laianny Cardoso Soares situa que a violência era algo corriqueiro no processo de ocupação do território piauiense, onde em um primeiro momento, tais práticas foram impostas aos nativos da terra, mas que estes povos resistiram ao regime escravo assim como ao conquistamento da terra que lhes pertenciam.¹⁷

Segundo cita Jaime Pinsky¹⁸, ‘a escravidão se caracteriza por sujeitar um homem ao outro, de forma completa’, ou seja, o autor quer dizer que a escravidão se trata de posse, onde uma determinada raça considerada pela elite como sendo inferior é submetida a um regime de trabalho que extrapola o limite da tolerância humana, que humilha e castiga o ser humano, o autor segue por dizer:

Tão comum era a ideia da existência do escravo na Antiguidade Clássica que Aristóteles, o filósofo grego, costumava dizer que o escravo, *por natureza*, não pertencia a si mesmo, mas a outra pessoa. Na sua opinião havia pessoas que a *natureza* destinou serem livres e outras que foram por ela destinadas a serem escravas.¹⁹

O trecho acima quer dizer que o homem por natureza já nascia ora pra ser livre, ora pra ser escravo, para além disso, o autor também diz que a escravidão no Brasil, decorre da ‘descoberta’ do país pelos portugueses, não havendo relatos de escravidão entre os nativos da terra antes da chegada dos europeus. A escravidão no Brasil mostrou-se uma instituição perversa e cruel que inferiorizava o ser humano e suas consequências ainda são sentidas dentro de nossa atualidade, a violência transmitida através do racismo existente em nossa sociedade é tido como reflexo direto de um país que foi construído por meio da normalização, ou seja, da aceitação do preconceito e da violência contra este povo. No Piauí, a forma pela qual se deu a escravização foi pela a pecuária em especial, através das fazendas públicas nacionais, ou seja, pertencente aos portugueses que de certa forma era quem mandavam seus representantes para administrá-las a mando da coroa portuguesa. A esse respeito, Solimar Lima nos diz que:

Ao explicar a formação social do Piauí, a historiografia tradicional transpôs para o cotidiano das fazendas nacionais a leitura de uma atividade. Os autores analisam a atividade produtiva pecuária como se fosse a unidade produtora da fazenda, ou vice-versa. É inegável a importância econômica da atividade pastoril, até porque era ela que justificava a existência e manutenção das propriedades, mas não determinava as condições de produção em uma fazenda

¹⁷ LIMA, Solimar Oliveira, SOARES, Débora Laianny Cardoso. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.*

¹⁸ PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. 21 ed.- São Paulo: Contexto, 2010.

¹⁹ *Ibidem.*

pública, muito menos a condição de trabalho e vida de seus trabalhadores escravizados.²⁰

A autora Tânia Brandão²¹ situa que a escravidão no Piauí se fez presente desde o início do devassamento territorial, a princípio com os indígenas, depois então com o fortalecimento da pecuária que marcou de forma definitiva a nossa colonização, a presença do escravo negro se tornou mais forte onde muitos deles chegavam ao estado junto com o gado e já na segunda metade do século XVII o escravo foi utilizado de forma expressiva. Tânia Brandão nos traz uma visão acerca da formação social do Piauí através dos escravos, onde a autora buscou demonstrar que este fato não ocorreu de forma branda como são descritos em outros relatos sobre este tema que envolve nosso estado, sobre tal fato, podemos ler:

De acordo com as fontes históricas, durante os séculos XVII e XVIII, distinguiu-se a sociedade por seu aspecto violento. É evidente que a agressividade da população resultou do processo colonizador. Na primeira fase, quando se iniciou o povoamento da região, foi exigido dos conquistadores, não apenas espírito aventureiro, mas a coragem e a audácia suficientes para dominar a natureza hostil, afugentar o índio bravo, relutante e acostumar a gadaria aos novos pastos. A própria luta pela sobrevivência e garantia de terra conquistada teve caráter violento.²²

Os trabalhadores escravizados no Piauí, assim como no restante do Brasil se inserem no próprio amargo do sistema social de uma situação cheia de conflitos pela busca da liberdade, onde essa categoria era submetida a castigos desumanos, no qual, o negro quando chegava a uma nova fazenda ao qual serviria como escravo, sua recepção seria com o açoite, sem nenhum motivo aparente, mas apenas para a confirmação de que, quem mandava ali era o senhor de escravos, ao qual, o mesmo agora pertencia. Sobre a questão dos açoites, abaixo segue um trecho de um castigo dado a um negro que desrespeitou seu dono.

O primeiro caso que irei analisar se passou na vila de Parnaíba, ao norte da província do Piauí, próxima à fronteira com o Maranhão. No mês de dezembro de 1873, o cativo sexagenário Bonifácio foi açoitado por fugir da casa de seu senhor para exercer sua arte de “desfazer feitiço”, “dominar o demônio com rezas e benzeduras” e “vender elixires a homens e mulheres para se fazerem amar”.²³

²⁰LIMA, Solimar Oliveira. *Braço forte: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí (1822-1871)*. Passo Fundo: UPF, 20005.

²¹A autora vai abordar o escravo através da formação social do Piauí, trazendo um olhar sobre a economia e a demografia do século XVIII, demonstrando como a atividade criatória permitiu a prática do regime escravocrata neste estado.

²² BRANDÃO, Tânia Maria Pires. *O Escravo da Formação Social do Piauí: Perspectiva Histórica do Século XVIII*. Teresina: Ed. UFPI. 1999.

²³PIROLA, Ricardo F. *O castigo senhorial e a abolição da pena de açoites no Brasil: Justiça, imprensa e política no século XIX*. rev. hist. (São Paulo), n.176, a08616, 2017.

Como visto na citação acima, o escravo não tinha o direito de ir e vir, era submisso a regras do seu dono. Em relação à escravidão no Piauí, destacamos pelos escritos analisados para este estudo, que a mesma se deu com o surgimento das primeiras fazendas de gado no Piauí durante o século XVII, com a chegada de Domingos Afonso Mafrense²⁴, que por sua vez desbravou estas terras até então consideradas como virgens e consolidou suas posses através da constituição de 30 fazendas de gado no Piauí. Solimar Lima nos fala que, ‘*Os animais, levados e vigiados pelos homens, buscavam maiores espaços para reprodução*’. Os criadores seguiam atrás, tomando posse de vários territórios. Dos latifúndios extraíram riqueza e poder, estalaram fazendas, povoaram as novas terras. O Piauí surgiu, assim, dos caminhos trilhados pelo gado²⁵. Ainda neste tocante do sistema pastoril implantado no Piauí escravista e sua formação social, podemos observar a seguinte questão:

O trabalho escravizado na economia pastoril constitui-se tema central na historiografia sobre a escravidão no Piauí. Embora assegurando a presença e a importância dos trabalhadores escravizados na estrutura produtiva, os estudos indicam certa dualidade de padrão de relações escravistas que pouco contribui para a compreensão das raízes da formação social. O debate concentra-se na relação violência-escravidão e possibilita a estruturação de correntes teóricas que podem ser identificadas nos seguintes posicionamentos: defesa das relações paternalistas, defesa das relações marcadas por violência apresentando duas tendências, sendo uma marcada por diferenciação de tratamento para escravizados privados e públicos e outra pela resistência para superação do domínio escravista; e defesa de relações consensuais com resistência e acomodação dos escravizados.²⁶

Como podemos observar, os caminhos dos gados trouxeram a escravidão e toda a violência que ela carregava. Ainda na abordagem sobre o pastoril de gado, a autora Débora Laianny Cardoso Soares traz uma visão acerca da Tânia Brandão, sobre a questão dos escravizados no Piauí dos oitocentos surgir como mão de obra secundária nas fazendas de gado, ao qual, ela cita que:

Esta característica é justificada pela vida rústica do sertão, onde os trabalhos desenvolvidos pelos negros não estavam diretamente ligados ao processo produtivo principal - a pecuária, mas a tarefas secundárias como fabricação de telhas, tijolos, artesanatos, trabalhos domésticos, alugueis de seus serviços pelos seus senhores, na agricultura e construção civil. No criatório, o cuidado do gado nos campos e currais seria realizado, predominantemente, por

²⁴O capitão Domingos Afonso Mafrense, um dos sesmeiros, conhecido como Domingos Sertão, fundou 30 fazendas de gado, tornando-se o maior colonizador da região. Após sua morte, as fazendas ficaram a cargo dos padres jesuítas da Companhia de Jesus. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/historico>>, acesso em 26 de novembro de 2019.

²⁵LIMA, Solimar Oliveira. História: *Debates e Tendências* – V. 7, n. 2, Jul./Dez.2007, p. 138-154, pub. No 2º sem. 2008.

²⁶SOARES, Débora Laianny Cardoso; LIMA, Solimar Oliveira. *Escravidão e Violência: debates e tendências na historiografia piauiense*. Revista Eletrônica. Ano 1, nº 1, Agosto de 2013.

vaqueiros livres. Assim, ficaria para os trabalhadores escravizados as duras e pesadas tarefas da lida nas fazendas.²⁷

Toda tarefa pesada dentro das fazendas da província, eram dadas aos trabalhadores escravizados, eles eram encarregados de todo e qualquer serviço ao qual o homem da sociedade de elite não podiam ou não queriam fazer por não se acharem indignos para tal. Pode-se observar que no período relacionado ao fim do século XIX na cidade de Teresina os trabalhadores escravizados circulavam por toda a parte nas mais diversas atividades, como trabalhadores domésticos, encarregados de compras no mercado, de recados para seus senhores, alugados ou empregados no ganho por seus donos. Foi nas ruas da cidade que o negro garantiu sua subsistência, foi onde ele teve acesso às informações para adquirir a sua liberdade, e foi onde recebeu a notícia da abolição da escravatura²⁸ que os deixaram ao mesmo tempo alegres e sem saber como lidar dali pra frente.

A historiadora Tanya Brandão reforça que o sistema escravista é uma consequência dos engenhos de açúcar, isso a nível de Brasil, já no Piauí, o que se justificava o trabalho escravo era exatamente as fazendas criadoras de gado ao qual foram instaladas aqui, e por muito tempo, o rebanho piauiense foi considerado como sendo o melhor do Brasil, esses fatores econômicos gerava grande lucratividade, e como a demanda era intensa e a necessidade de força de trabalho era grande então os produtores resolveram escravizar para ter a mão de obra mais barata para eles. Brandão ao fazer sua pesquisa direcionada ao Piauí, justifica este fator escravocrata através do fator econômico. E sobre a historiografia piauiense se lê:

O trabalho escravizado na economia pastoril constitui-se tema central na historiografia sobre a escravidão no Piauí. Embora assegurando a presença e a importância dos trabalhadores escravizados na estrutura produtiva, os estudos indicam certa dualidade de padrão de relações escravistas que pouco contribui para a compreensão das raízes da formação social.²⁹

Pautamos a formação social inicial do Piauí voltado ao meio rural, ou seja, a atividade econômica que prevalecia aqui, era uma economia ruralista, ao qual, a população viviam em fazendas distantes umas das outras, ao qual, os escravos também passaram a compor a formação social piauiense, e um traço comum a estes, era a servidão, pois ao nascerem já pertenciam ao

²⁷CARDOSO, Débora Laianny. *VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir* Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI ISBN: 978-85-98711-10-2.

²⁸SILVA, Marilene R. N. da. *Negro na rua: a nova face da escravidão*. São Paulo: HUCITEC, Brasília: CNPq, 1988.

²⁹SOARES, Débora Laianny Cardoso; LIMA, Solimar Oliveira. *Escravidão e Violência: debates e tendências na historiografia piauiense*. Revista Eletrônica. Ano 1, nº 1, Agosto de 2013.

senhor dono de seus pais. Sibely Martins em sua monografia acerca da historiografia escravista do Piauí nos diz o seguinte:

No entanto os escravos que vieram povoar o Piauí, não foi só pelas famílias que passaram a povoar essas terras e nem pelo cultivo do açúcar, mas também por meio das fugas, por ser um estado banhado por uma extensa bacia hidrográfica servia de corredor de migração, mas também podemos vê-lo como corredor de fuga.³⁰

Entende-se por esta citação que o escravo piauiense em rota de fuga, procurou por estas terras devido a sua vastidão migratória, que lhes serviam como um meio para a fuga escrava, sendo essas fugas uma das formas de resistência escravocrata. Ao decorrer da prática escrava no Piauí assim como as formas de resistências, nos deparamos com os apadrinhamentos, algo muito utilizado nas fazendas pecuaristas e que por conseguinte, podemos denominar como uma das formas de resistência escrava, mas sobre este fato iremos trabalhar no segundo capítulo desta pesquisa.

1.2 A MULHER ESCRAVA NO PIAUÍ OITOCENTISTA

Ao trabalharmos a questão dos trabalhadores escravizados do Piauí oitocentistas, nos deparamos com a figura enigmática da mulher escrava, desta forma, procuramos saber qual era o papel feminino no trabalho escravo piauiense, como as mesmas eram tratadas, de que forma se faziam ser enxergadas, entre outras dúvidas que apareceram ao longo desta pesquisa.

As mulheres negras tiveram um papel importante dentro do sistema escravocrata na História do Brasil e na formação da sociedade escravagista que durou mais de três séculos. Normalmente elas eram inseridas no sistema escravocrata como serviçais nas fazendas ou casarões, no eito das plantações, como lavadoras, quitandeiras ou vendedoras nas ruas das cidades, cuja importância foi fundamental para perpetuar a escravidão no Brasil. Entretanto, apesar da sua importância no conjunto da família patriarcal, as pesquisas históricas relativas à participação das escravas no cotidiano das fazendas e sobrados urbanos senhoriais surgiram somente nos últimos 40 anos com a ampliação dos estudos da historiografia social sobre a formação familiar e suas relações com a escravaria (por exemplo, nos estudos de Robert Slenes e Stuart B. Schwartz). Anteriormente, os estudos historiográficos, principalmente da linha da sociologia marxista, enfatizavam que as mulheres e as crianças negras, não eram muito apreciadas comercialmente pelos traficantes e senhores de escravos. Eles davam preferência para homens jovens e adultos, no auge das suas forças físicas para trabalharem nas plantações das fazendas.³¹

³⁰SILVA, Sibely Martins. *Cotidiano escravo no Piauí: Resistência dos escravos e arbitrariedades dos senhores fazendeiros, no século XIX (1870 – 1880)*. Universidade Federal do Piauí, 2016.

³¹SILVA, Robson Roberto. *A presença das amas-de-leite na amamentação das crianças brancas na cidade de São Paulo no século XIX*. ANTÍTESES, v. 9, n. 17, p. 297-322, jan./jun. 2016.

A autora Francisca Raquel da Costa além de trabalhar o cotidiano e as formas de resistência escravocrata também trabalha a mulher escrava em suas abordagens, tornando os seus estudos sobre esta temática ainda mais interessante e prazerosa, o perceber do trabalho escravo feminino é algo que merece um maior estudo, não que o nosso intuito neste trabalho seja uma questão de gênero, mas como um tópico a ser abordado é algo muito relevante para nossa pesquisa. Para produzir essa abordagem, a autora fez usos das seguintes documentações: “processos crimes envolvendo escravos e escravas, documentos pertencentes ao Poder Judiciário, os Relatórios de Polícia da Província do Piauí”³², que segundo a autora se encontram no Arquivo Público do Estado do Piauí. Francisca Raquel da Costa nos traz à tona uma das formas de manifestação escrava em solo piauiense assim como em outras regiões brasileiras, a prostituição, onde está autora nos diz a seguinte afirmação:

A prostituição feminina apresenta suas peculiaridades, principalmente no que diz respeito ao caráter compulsório da prostituição escrava, ao mesmo tempo em que se apresenta contraditoriamente, pois num primeiro momento causava a desagregação da ordem social e logo depois garantiria a preservação da honra de outras mulheres que precisavam mantê-la aos olhos da sociedade.³³

Outro autor que aborda a mulher escrava é Paulo Roberto de Carvalho Dantas, onde no seu estudo ele cita as negras e mulatas no contexto sexual e familiar do Piauí no século XIX. Esse estudo faz parte de uma obra organizada por João Kennedy, obra essa no qual a produção textual contida nela, será de grande valia para esta pesquisa, mas voltando aos estudos do Paulo Roberto de Carvalho Dantas, analisamos que o autor aborda a mulher escrava pela fascinação que a mesma causava aos seus senhores, e este teria sido o ponto inicial para a relevância da sua pesquisa, o autor vai dizer que:

Às mulheres, de forma geral, a quem sempre foi negado os direitos de expressão, de fala e de opinião, frequentemente falaram através de seu corpo, fazendo-o seu instrumento de subversão e de fuga em relação à ordem que as oprimiam. {...} As escravas piauienses, entre o estereótipo da “mulher vítima” e da “mulher rebelde”, carregavam um pouco dessas duas características. Sofriam todos os castigos destinados à escravaria, além de serem perpassadas pelos discursos reguladores que incidiam sobre as mulheres do período; mas também gozavam de alguma “liberdade”, se comparada às mulheres brancas de seus senhores. À mulher escrava era dada a possibilidade de andar na rua, de conversar com homens que não os de seu convívio íntimo, de dormir entre tantos outros homens quando todos eram trancafiados nas senzalas ao cair da noite. A escrava era também a subversão dos discursos.³⁴

³²COSTA, Francisca Raquel da. *Violência e resistência: o cotidiano da mulher escrava no Piauí Oitocentista*. Vozes, Pretérito & Devir Ano III, Vol. VI Nº I (2016), Dossiê Temático: História, África e Africanidades.

³³Ibidem

³⁴DANTAS, Paulo Roberto de Carvalho. *Negras e Mulatas na Vida Sexual da Família Piauiense no Século XIX*. In. EUGÊNIO, João Kennedy (Org.) *Escravidão negra no Piauí e temas conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014.

Verificamos que a mulher desde sempre teve seus direitos negados e que muitas vezes se valiam do corpo para conseguirem que os mesmos fossem adquiridos, não levando em conta muitas das vezes que esse era mais um meio de serem escravizadas por seus senhores, restando a elas apenas o papel de divertimento da carne humana masculina. Francisca Raquel da Costa cita em seu trabalho que, por mais que seus senhores aos quais essas mulheres mantinham relação sexual, se esses homens fossem viúvos, dificilmente as assumiriam e pós a mortes deles caso deixassem algo para essas mulheres ou algum filho que tivera com elas, os filhos legítimos dos mesmos não atenderiam os desejos dos pais, o que muitas vezes restavam a essas mulheres era o papel da prostituição forçada, pois várias eram as formas de violências ao qual elas eram submetidas, a autora cita como exemplo: “violência sexual propriamente dita, a utilização do corpo da escrava para procriação e a compulsoriedade no exercício da prostituição”.³⁵ O estudo sobre a mulher abordado pela autora é de grande valia e de suma importância para entendermos um pouco acerca da representação da mulher escrava.

Dantas afirma que sua pesquisa se faz pela seguinte questão:

A intenção é instigar à pesquisa da história das mulheres escravas, e entender as relações de gênero como um jogo de poder em que as mulheres escravizadas cediam para depois ganhar. Dito de outra maneira, as mulheres negras escravizadas conseguiam inverter a política de gênero do período, que as colocavam como inferiores aos homens, e no caso das escravas, também como mulheres disponíveis para o sexo, e com isso conseguir algumas benesses que se traduziam, senão em sua liberdade, pelo menos num tratamento menos opressivo em relação à sua condição de escrava.³⁶

Como mencionado anteriormente, a figura da mulher escrava é algo relevante a ser estudado, entender como se dava a construção de identidade das escravas é de suma importância dentro do âmbito acadêmico e se faz necessário uma análise sobre esse sujeito histórico que tanto adentrava o imaginário masculino da época abordada nesta pesquisa. Entendemos que para além do citado acima, a mulher negra teve um papel de suma importância dentro da historiografia brasileira e/ou piauiense, como por exemplo, elas eram ‘amas de leite’³⁷ dos filhos de suas donas, entre outras coisas que eram de fundamental importância para a formação e a reafirmação desta classe.

A existência das mães pretas revela mais uma faceta da expropriação da senzala pela casa-grande, cujas as consequências inevitáveis foram a negação

³⁵COSTA, Francisca Raquel da. *Violência e resistência: o cotidiano da mulher escrava no Piauí Oitocentista*. Vozes, Pretérito & Devir Ano III, Vol. VI N° I (2016), Dossiê Temático: História, África e Africanidades.

³⁶DANTAS, Paulo Roberto de Carvalho. *Negras e Mulatas na Vida Sexual da Família Piauiense no Século XIX*. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.) *Escravidão negra no Piauí e temas conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014.

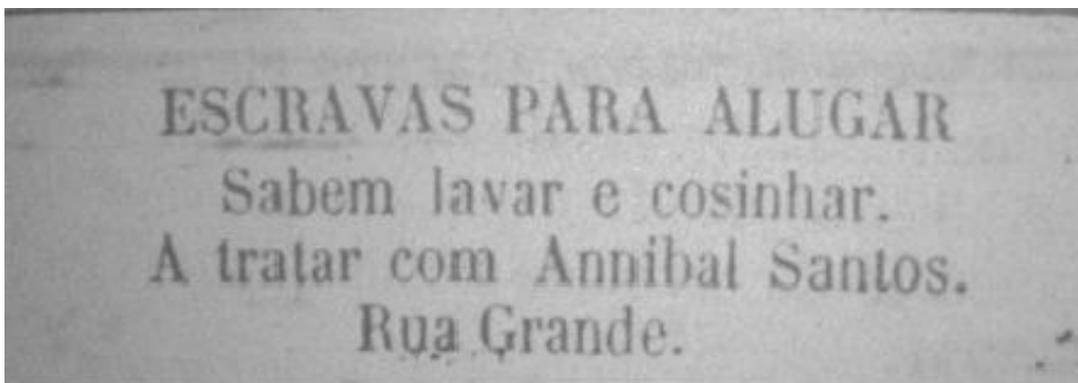
³⁷SILVA, Robson Roberto. A presença das amas-de-leite na amamentação das crianças brancas na cidade de São Paulo no século XIX. *ANTÍTESES*, v. 9, n. 17, p. 297-322, jan./jun. 2016.

da maternidade escrava e a mortalidade de seus filhos. Para que a escrava se transformasse em mãe-preta da criança branca, foi-lhe bloqueada a possibilidade de ser mãe de seu filho preto. A proliferação de nhonhês implicava o abandono e a morte dos moleques. Desta forma, ao incorporar anegra ao ciclo reprodutivo da família branca, a escravidão reafirmava a impossibilidade para os escravos de constituírem seu próprio espaço reprodutivo.³⁸

A mulher negra e escrava servia para tudo, ou seja, para todo tipo de trabalho escravo, para serviços rurais, doméstico, prostituição, entre outros afazeres, não importava a idade e nem mesmo o seu estado civil, as escravas eram retratadas da seguinte forma quanto a suas aptidões profissionais:

Deu a viúva inventariante a carregação a escrava Marinha, preta, de 61 anos de idade, viúva, naturalidade desconhecida, filiação idem, aptidão para o trabalho boa, profissão cozinheira, matriculada na coletoria da vila das Barras desta província em dois de setembro de 1872, sob número 1214. Deu mais a carregação o escravo Balbino, cabra, de 41 anos de idade [fugido], que foi avaliado em 200.000 réis que a margem sai. Deu mais a carregação o escravo de nome Franbelim, mulato, a 23 anos de idade, solteiro, natural da província do Maranhão, aptidão para o trabalho boa, profissão copeiro, matriculado na coletoria em vinte um de abril de 1872, sob número 455. Deu mais a carregação a escrava Aniceta, crioula. A 23 anos de idade, solteira, natural da província do Maranhão, aptidão para o trabalho boa, profissão serviços domésticos, matriculada na coletoria da vila de Bom Jesus do Guergueia desta província em vinte seis de setembro de 1872, sob número 440.³⁹

É notório pela citação acima o uso doméstico da escrava, seus donos as vendiam, emprestavam ou alugavam, e essa prática perdurou até mesmo depois da abolição, onde muitas se viam sem ter o que fazer e alugavam suas prendas como forma de conseguir sustento. Nem mesmo com a liberdade posta em lei, o povo escravo conseguiu usufruir de imediato desta conquista.



Jornal O Expectador, 1861. Fonte: Núcleo de documentação e memória do Piauí – NUPEM.

³⁸GIACOMINI, S. M. *Mulher e escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

³⁹ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Inventário do Major Raimundo de Lima, Teresina, 1884.

Como podemos ver na imagem acima, é reafirmado que os escravos serviam para seus donos em ambos os sentidos, seja para trabalhar em benefício destes em suas fazendas, casas e outrem, ou como forma de ganhar dinheiro através do aluguel dos escravos, principalmente as mulheres através dos seus atributos domésticos. Em suma, a maneira pela qual os serviços das escravas eram descritos nos jornais, servia apenas para demonstrar as habilidades e o local onde as informações sobre o escravizado deveriam ser obtidas. Nos escritos também é possível perceber que muitas das mulheres escravas que trabalhavam nas residências podiam também ser concubinas ou prostitutas e ainda filhas ilegítimas de seus senhores ou patrões⁴⁰.

Deu mais a carregação a escrava de nome Maria, preta, de quarenta e quatro anos de idade, solteira, cozinheira, matriculada na referida coletoria na mesma data sob número dois da dita relação. Deu mais a carregação ao escravo de nome Pedro, de cor cabra, de cinquenta e quatro anos de idade, solteiro, oleiro, matriculado na referida coletoria em dois de setembro de 1872, sob número de ordem 2343.⁴¹

Os seus cargos ou atividades em muitas vezes eram acumulativos visto que o ganho se tornava pouco perante a necessidade de sobrevivência, deste modo, praticavam as mais diversas atividades, sejam elas como lavadeiras, arrumadeiras e outros afazeres. Podemos observar em nossa atualidade, algumas destas atividades ainda é desempenhada pela a população majoritariamente negra, no qual o acúmulo de tarefas ainda se faz presente.

⁴⁰LIMA, Tatiana Silva de. *Domésticos, servos e criados*: trabalho doméstico no Recife de meados do século 19. Revista ALPHA. Patos de Minas: UNIPAM, (10): 119-129, dez. 2009.

⁴¹ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUI. Inventário Dona Romana. Fundo poder judiciário, Inventários, Teresina, 1875-1876.

CAPÍTULO 2: AS FORMAS DE RESISTÊNCIAS DOS TRABALHADORES ESCRAVIZADOS NO PIAUÍ DOS OITOCENTOS

Os pressupostos que norteiam este segundo capítulo, é nossa busca pelo entendimento das formas de resistências escravas, ou seja, como estas se davam, procurando saber se haveria mais diferenciações ou aproximações nos tratamentos dados aos escravos pelos seus donos, quais tipos de trabalhadores eram vistos nas fazendas de gado ou em outras modalidades como a agricultura onde existiria a presença escrava. Buscaremos também compreender como as formas de resistências eram vistas pela sociedade através dos jornais que circulavam a época em questão, para tanto, serão analisados jornais encontrados na datação da pesquisa através da Hemeroteca Digital do Estado do Rio de Janeiro, visto que nela se pode achar um grande acervo de documentação da época escravocrata. Ao decidirmos trabalhar sobre a ótica jornalística, observamos um grande acervo que se relata aos escravos, em especial a questão de fuga escrava onde os donos retratavam esses episódios, entendemos que este meio de comunicação se tornou e continua sendo de suma importância, sobre isto podemos ler:

Particularmente em relação à imprensa, é fácil constatar que seu uso, faz algum tempo, encontra-se disseminado nos ambientes de trabalho das ciências sociais e das humanidades. Nas diversos campos de pesquisa, da comunicação à semiótica, da crítica literária à educação, a imprensa aparece como fonte e também como objeto de pesquisa. Nos diversos níveis de ensino e em diversas áreas, a imprensa transforma-se, de forma crescente, em suporte didático-pedagógico na sala de aula. Professores de português e literatura buscam em textos da imprensa um espaço para aprendizagem de uma norma escrita mais viva e atual do que a dos clássicos; na geografia busca-se uma compreensão do espaço mundial globalizado mais atualizada, nas ciências sociais os temas do tempo presente. Também na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas, a utilização de materiais da Imprensa hoje está cada vez mais generalizada. E, sem dúvida, tais usos nos distanciam de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade. Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar.⁴²

Este capítulo foi subdividido em dois tópicos no qual o primeiro levantará questões acerca dos castigos praticados pelos donos de escravos, o segundo abordará os escravos através das narrativas dos jornais e por fim, fará uma análise sobre a tão sonhada liberdade dos escravos, o que está significou e se realmente se deu como estes sujeitos históricos esperavam. Desse modo, essa pesquisa resultou da nossa reflexão sobre a escravidão no Piauí, das relações sociais

⁴²CRUZ, PEIXOTO. Na oficina do historiador: Conversas sobre História e Imprensa. Projeto História, n. 35, p.253-270. São Paulo, 2007.

entre os escravos e os senhores de poder que foi marcada principalmente pela violência e repressão, assim como as suas peculiaridades, pois sabe-se através dos relatos acima, que a origem e formação do Piauí encontra-se diretamente ligada a vida escrava.

2.1 AS FORMAS DE CASTIGO PRATICADAS PELOS DONOS DE ESCRAVOS

Neste tópico buscaremos analisar as formas de castigos dados aos escravos que resistiam à escravidão, usaremos textos que abordam a temática como por exemplo a Francisca Raquel da Costa que faz um apanhado sobre o escravo através do cotidiano, dos conflitos entre escravos e donos de escravos, das formas de resistências assim como as punições, os castigos dados aos escravos tidos como rebeldes⁴³, também veremos o artigo *O castigo senhorial e a abolição da pena de açoites no Brasil: Justiça, imprensa e política no século XIX*, de Ricardo F. Pirola.⁴⁴ Ao longo da nossa jornada de estudos, nos deparamos com as narrativas acerca da temática escravocrata e dos castigos impostos aos negros fujões. Na maioria das vezes e por que não dizer em quase todas, a perspectiva desta narrativa nem sempre é dada por aqueles que tem algum traço com esta linha teórica, mas quase sempre por aqueles que descenderam do uso desta prática. Entendemos que a história é algo bastante complexo, e quando se trata desta temática, a complexidade fica bastante evidente.

As discussões historiográficas acerca da escravidão no Brasil sempre foram permeadas de polêmicas e questões controversas. Nessa perspectiva a escravidão tem sido um tema recorrente nas produções acadêmicas, o que retrata o vigor do tema e, sobretudo, a necessidade de se conhecer a formação da sociedade brasileira, ainda mais em regiões onde a produção historiográfica sobre o tema ainda é carente. Nesse sentido, configura-se como objetivo deste trabalho apresentar traços da sociedade escravista piauiense do século XIX, através de elementos como o cotidiano, a resistência e o controle de escravos no Piauí.⁴⁵

Quando falamos em escravidão, logo recorremos ao imaginar as condições precárias de vida e trabalho daqueles indivíduos que foram submetidos ao trabalho escravo, onde também percebemos que o castigo era algo real no cotidiano, além de um fardo inimaginável para estes indivíduos. A autora Francisca Raquel da Costa ao falar sobre a escravidão e as formas de

⁴³COSTA, Francisca Raquel da. *Escravidão e Conflitos: cotidiano, resistência e punição de escravos no Piauí*. (1850-1888), Teresina: EDUFPI, 2014.

⁴⁴Professor Doutor MS3 da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Obteve os títulos de mestrado (2005) e doutorado (2012) em História também pela mesma instituição. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império, História da África e História Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: escravidão, cultura afro-brasileira, história do direito. Disponível em: < <https://www.escavador.com/sobre/432352/ricardo-figueiredo-pirola> > acessado em 27 de novembro de 2019.

⁴⁵COSTA, Francisca Raquel da. *Escravidão e Conflitos: cotidiano, resistência e punição de escravos no Piauí*. (1850-1888), Teresina: EDUFPI, 2014.

resistências, assim como das punições pra quem as praticavam, dá sua contribuição muito relevante sobre o assunto, onde nos situa de uma realidade não tão distante como imaginamos apesar do tempo de término deste período difícil da historiografia brasileira. Nesta autora podemos ler a seguinte afirmação:

A escravidão negra no Brasil, iniciada ainda na primeira metade do século XVI, perdurou durante mais de três séculos. Em nenhum outro país do Novo Mundo, essa instituição teve vida tão longa. Desde o início da colonização, a escravidão foi utilizada como principal força de trabalho, sendo interrompida apenas no final do século XIX.⁴⁶

Entendemos por esta citação que o Brasil como um todo, foi o único país das novas terras descobertas a utilizar o sistema escravatório por mais tempo, e quando se referimos ao Piauí, a historiografia visitada para a pesquisa nos mostra que a escravidão não se deu de forma tão branda como alguns relatos nos faziam crer, muito pelo contrário, ela foi cruel tal qual as demais regiões brasileiras. No livro de Solimar Lima, *Braço Forte*, há uma crítica quanto a este fato, onde observamos que:

A existência das fazendas públicas, assentadas exclusivamente sobre braços negros, impediu que alguns autores negassem a participação dos trabalhadores escravizados na formação da sociedade piauiense. Diante de inegável fato histórico, as análises visam minimizar a participação da instituição servil e atenuar ou negar as contradições sociais que dela decorriam, imprimindo ao passado a marca da democracia e do paternalismo sustentada nas condições de produção da pecuária. Concepções extremas de negação da realidade podem ser constatadas nos escritos de Odilon Nunes (1974, p. 241), que chefa a afirmar que “no Piauí o trabalho servil não era uma condição da economia”, e de Carlos Eugênio Porto (1974, p. 144), ao constatar que “a abolição da escravatura não teve ressonâncias no Piauí. O vaqueiro, que nunca fora realmente escravo, continuou seu trabalho na fazenda”.⁴⁷

Ao negar o escravismo no Piauí, negava-se também a prática de castigos impostos aos negros, Solimar Lima fala que os trabalhadores escravizados ao retornarem como vaqueiros para as fazendas tendo em troca o quarto de toda a cria nascida de sua produção pastoril, os tornaram reféns, visto que, para este autor, tratava-se de uma forma de controle aos trabalhadores. E se tornando uma forma de controle, de certa forma, tornava-se uma punição para com este povo. Ao ocorrido citado aqui, vemos em Solimar:

A acumulação tornou-se insignificante não só pelos poucos rendimentos, mas sobretudo pela limitação imposta pela condição do trabalhador. O sistema de “quarta” empregado na pecuária colonial nordestina possibilitava a alguns

⁴⁶COSTA, Francisca Raquel da. *Escravidão e Conflitos: cotidiano, resistência e punição de escravos no Piauí. (1850-1888)*, Teresina: EDUFPI, 2014.

⁴⁷LIMA, Solimar Oliveira. *Braço forte: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí (1822-1871)*. Passo Fundo: UPF, 2005.

vaqueiros tornarem-se fazendeiros. Com o gado recebido, o vaqueiro podia fundar uma pequena ou média fazenda, devido à disponibilidade de terras por ocupar e à demanda de poucos recursos financeiros e de trabalhadores para o empreendimento. Essa mudança de status, porém, só era possível para vaqueiros livres. Para os vaqueiros escravizados, a perspectiva de ascensão social passava antes pela a libertação.⁴⁸

Para o vaqueiro que ainda trabalhava de forma escrava, era uma verdadeira tortura estarem sobre esta perspectiva, viver de forma e para conseguir sua libertação, para Solimar Lima, em suma, a ‘quarta’ servia como uma forma paternalista e psicológica de se manter o escravo. O autor Ricardo F. Pirola ao escrever sobre os castigos senhoriais e a abolição da pena de açoite nos diz que mesmo com esta lei aprovada, não significaria ao certo que os escravos estavam livres de tal prática, visto que até os casos de fazendeiros e donos de escravos que continuavam a usar este método de castigo fossem punidos por tal ato, levava muito tempo e em muitos casos, nem ocorriam. Mas para os escravos, essa lei de 15 de outubro de 1886, representava uma esperança a mais para se conquistar a tão sonhada liberdade.

No dia 15 de outubro de 1886, o Parlamento brasileiro aprovou a criação de uma lei que aboliu a aplicação da pena de açoites em escravos. A nova norma legal revogou o artigo 60 do Código Criminal e a lei de 10 de junho de 1835, na parte em que instituía a sentença de açoites para os cativos julgados pelos tribunais do Império. Na prática isso significava que os escravos só poderiam ser condenados, a partir de então, às penas de prisão, prisão com trabalho, galés e de morte. Tratava-se, assim, de uma medida que diminuía as distâncias entre as normas criminais voltadas para os escravos e aquelas destinadas aos livres no contexto de desmantelamento do escravismo. O fim da pena de açoites, contudo, não representava a extinção do castigo senhorial, segundo buscaram esclarecer os parlamentares quando da aprovação daquela lei. Para os representantes da nação na Corte, o artigo 14, parágrafo 6º, do Código Criminal do Império, que considerava o “açoite moderado” aplicado pelos senhores em seus escravos um “crime justificável”, mantinha-se intacto. A escravidão encolhia, mas resistia em abrir mão de mecanismos considerados essenciais para a manutenção da ordem.⁴⁹

A punição com o açoite era algo cruel e desumano, onde muitas vezes, os escravos ficavam com a pele na carne viva e sendo tratados com sal grosso como podemos observar em algumas imagens retratadas em livros, revistas, sites de internet, filmes e novelas que abordam tal assunto. Essa era apenas uma das formas de castigos praticadas pelos senhores de escravos e essa forma de punição as vezes levavam os negros escravos à morte, quando não, os deixavam por longos dias acamados, aleijados, isso quando não os levavam a morte. Como um exemplo,

⁴⁸LIMA, Solimar Oliveira. *Braço forte: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí (1822-1871)*. Passo Fundo: UPF, 20005.

⁴⁹PIROLA, Ricardo F. *O castigo senhorial e a abolição da pena de açoites no Brasil: Justiça, imprensa e política no século XIX*. rev. hist. (São Paulo), n.176, a08616, 2017.

citamos o filme *'12 anos de escravidão'*⁵⁰, que vai abordar a história de um escravo americano livre que vive em paz com sua família até ser enganado e levado novamente como escravo para fazendas longe de sua casa, neste filme podemos ver o personagem central ser obrigado a chicotear sua companheira de cativo.



Disponível em: <<https://ahduvido.com.br/historia-negros-que-trafficavam-escravos/>>. Acesso em: 30/11/2019.



Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/luiz-menezes/escravido-leis-vestimentas-e-moradias>>. Acesso em: 30/11/2019.

⁵⁰O filme aborda a história verdadeira de Solomon Northup, um negro livre nascido nos Estados Unidos da época escravagista. De acordo com a narrativa, Northup era músico e trabalhava como violinista no distrito de Saratosa, em Nova York, e vivia com a esposa e dois filhos. Certo dia, dois homens visitam Northup para lhe oferecer um emprego provisório de duas semanas em Washington, o qual ele aceita. Assim que os três chegam lá, os recrutadores embriagam e drogam Northup antes de o jogarem em uma senzala da propriedade de James Burch, um rico vendedor de escravos. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/>>.

As imagens acima retratam algumas das práticas de violências efetuadas aos escravos, comum na época da escravidão, o açoite e à palmatória. Esses castigos eram muitas vezes praticados ao público, perante os negros e quem mais pudesse estar presente como forma de aviso aqueles que ousariam pensar em fazer algo parecido, ainda é possível ver na primeira imagem alguns escravos deitados ao chão levando a crer que já haviam sido punidos ou já estavam mortos devido a crueldade aplicada. Em seu artigo, Pirola (2017) analisa casos de açoites praticados contra os escravos como forma de punição ou por desobediência aos seus donos, ou por crimes praticados pelos escravos ou pelas fugas destes.

O primeiro caso que irei analisar se passou na vila de Parnaíba, ao norte da província do Piauí, próxima à fronteira com o Maranhão. No mês de dezembro de 1873, o cativo sexagenário Bonifácio foi açoitado por fugir da casa de seu senhor para exercer sua arte de “desfazer feitiço”, “dominar o demônio com rezas e benzeduras” e “vender elixires a homens e mulheres para se fazerem amar”. Segundo o deputado Angaslau da província do Piauí, que levou o caso ao conhecimento do Parlamento nacional, Bonifácio era um fujão contumaz e pretendia em Parnaíba a mesma fama de celebridade do “famigerado Juca Rosa”, conhecido pai de santo na Corte no Rio de Janeiro do final da década de 1860. Por ocasião de uma dessas fugas, o comerciante Coelho Bastos, “já cansado de tantas queixas contra aquele seu escravo”, segundo o mesmo deputado, mandou que outro cativo de nome Raymundo lhe aplicasse uma surra de açoites. Começava aí uma longa batalha em torno dos significados do ato de castigar fisicamente os escravos que chegaria ao Tribunal da Relação e ganharia repercussão nacional.⁵¹

Como podemos ver, além de viver de forma cruel, os negros escravos não podiam praticar suas crenças e conhecimentos adquiridos pela cultura de sua terra natal. O açoite era aplicado a todo escravo negro culpado de falta grave como deserção, roubo, ferimentos recebidos em brigas entre outros fatores. A forma que se dava o controle as punições dada aos escravos se davam basicamente pela a prática doméstica e estatal segundo Francisca Raquel da Costa.

O controle doméstico era realizado pelos senhores proprietários dos escravos, os quais utilizavam diversos instrumentos de controle com o intuito de gerar um escravo humilde, submisso e produtivo. Para tanto, o uso da violência física e da ameaça da violência se constituíram como principais armas utilizadas pelos senhores de escravos para gerar a disciplina de seus escravos dentro de suas propriedades. Por outro lado, quando esse controle, concretizado principalmente através da violência, não gerava efeitos, os senhores de escravos encontravam no Estado um meio de fazê-lo. O controle estatal, que aqui conceituamos como controle externo, era realizado com caráter preventivo e punitivo, sendo que a prevenção era uma forma de evitar atitudes rebeldes por parte dos escravos e, quando aconteciam, eles eram punidos como mandava a lei. Nesse sentido, o aparato legal, a vigilância

⁵¹PIROLA, Ricardo F. *O castigo senhorial e a abolição da pena de açoites no Brasil: Justiça, imprensa e política no século XIX*. rev. hist. (São Paulo), n.176, a08616, 2017.

efetuada com a ação da polícia e a punição da justiça eram as formas de controle utilizadas pelo Estado para reprimir a população escravizada, evitando assim a desordem e garantindo a ordem social.⁵²

Observamos que em todos os modos de vivencia do escravo em seu cativeiro, havia o controle contra a resistência escrava assim como havia as punições pra quem buscava o sonho e lutava por sua liberdade.

2.2 OS ESCRAVOS RETRATADOS NOS JONAIIS E A RESISTÊNCIA ESCRAVA: ENFIM, A TÃO SONHADA ‘LIBERDADE’



Disponível em: < <https://pt.slideshare.net/luiz-menezes/escravido-leis-vestimentas-e-moradias>>. Acesso em 30/11/2019.

Nesta imagem, é possível ver a notícia acerca da implantação da lei que assegurava a liberdade, mesmo que de forma tardia, dos escravizados, lei está, que por longos anos funcionou apenas no papel, visto que no cotidiano era bem diferente. Os escravos tinham que trabalhar para poder adquirir a alforria, e muitas vezes, morriam antes disto acontecer. Em nosso dia a dia, ainda é vista muitas formas de escravidão, em grande parte, ainda de pessoas negras.

⁵²COSTA, Francisca Raquel da. *Escravidão e Conflitos: cotidiano, resistência e punição de escravos no Piauí. (1850-1888)*, Teresina: EDUFPI, 2014.

Por fim, foi analisado as resistências escravas pela qual levariam até a tão sonhada liberdade, como eles praticavam? Se usavam somente a força ou se faziam uso de estratégias e raciocínio? Conseguiram ou não a liberdade? Durante toda produção da pesquisa, utilizamos autores que inserem-se na temática como o Gilberto Freyre, Solimar Lima, Talyta Marjorie Lira, Francisca Raquel da Costa, entre tantos outros que faremos uso conforme a necessidade da pesquisa. Percebemos através dos nossos estudos, que a tão sonhada liberdade não se deu tão fácil como o imaginado, aliás, nada para os escravos foram algo fácil assim, o terror se iniciou desde a saída deste povo de suas terras de origem até a chegada nos lugares onde iriam serem escravizados. Entende-se que as mudanças ocorridas com as leis de proibição do tráfico (1850), a do ventre livre (1871) e a dos sexagenários (1885) induziram as alterações nas relações entre senhores e escravos, no qual as atitudes insubordinadas destes povos, contribuíram ainda mais para a desestruturação do sistema escravocrata.

Ao longo das nossas análises para a elaboração desta pesquisa, percebemos que várias eram as formas de resistências do povos escravos, que iam desde a fuga até a prática do suicídio. A vontade do regresso à sua terra natal, as vezes se concretizavam através do suicídio, sendo esta forma, uma das últimas medidas a serem tomadas pelos escravos e muitas vezes não se dava de forma individual, mas pela coletiva.

Os escravizados possuíam diversas formas de resistir ao sistema, entre tais formas pode-se destacar: a fuga e o suicídio. A fuga era feita na maioria das vezes pelas matas, os escravos iam até os quilombos onde estavam outros negros fugidos ou fugiam para as cidades, onde construíam uma nova vida; já o suicídio era realizado principalmente, através do enforcamento e afogamento. É perceptível, que tanto nos casos de fuga, quanto nos casos de suicídio, os escravos encontram nessas formas de resistência, um caminho para se livrarem de todo o sofrimento causado pelo sistema em que estavam submetidos, e assim acabam por mostrar que eram agentes da própria história, definindo quando suas vidas chegariam ao fim.⁵³

O suicídio como mencionado acima, era uma maneira que os escravos encontravam de se livrar do sofrimento imposto pelo sistema escravatário, não era uma forma de desistência encontrada por eles, mas ia além da coragem dos escravos por lutar pela sua liberdade. A poucos estudos que trabalham sobre o viés do suicídio de forma mais ampla ou detalhada na nossa contemporaneidade, não sabemos o que este fato significa, possa ser que seja até uma forma de negação para com este ato, ou possa ser devido as fontes serem escassas, ou os relatos em sua grande maioria tratarem com mais ênfase as fugas, e segundo Francisca Raquel da Costa, a fuga

⁵³CASTRO, PAPALI. *Resistência a Escravidão: suicídio de escravos em Campinas durante o período de 1871 a 1877*. XXII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XVIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e VIII Encontro de Iniciação à Docência - Universidade do Vale do Paraíba.

é a mais conhecida e habitual forma de resistência no Brasil escravista, assim como no Piauí Provincial, (COSTA, 2014, p. 48). Através das leituras nos jornais da Hemeroteca Digital do Rio de Janeiro, pudemos observar como os negros eram retratados, as formas eram bastante diversificadas e em suma, tratava das vendas e das fugas dos escravos, onde seus donos publicavam para que se obtivesse um rápido retorno.

A fuga do escravo de seu senhor é a mais conhecida e habitual forma de resistência no Brasil escravista, assim como no Piauí Provincial. Durante todo o século XIX, os jornais brasileiros noticiavam sobre os negros “fujões”, sendo que escapar das amarras da escravidão significava a ruptura com o cativo, mesmo que, em inúmeras vezes, o escravo rapidamente fosse capturado. Apesar de todo o sistema de controle e vigilância com o qual contava os donos de escravos, estes muitas vezes encontravam uma maneira de escapar aos olhos de seus proprietários.⁵⁴

Percebemos a fuga como uma das formas de resistência mais praticada pelos escravos, tal prova disso se encontra em um anúncio jornalístico datado no ano de 1840 do Diário do Pernambuco, citado ao dia 11 de maio na cidade de Parnaíba fala que o quartel desta cidade alcançou um grupo de rebeldes escravocratas fujões onde houve uma batalha entre estes dois grupos, no caso os escravos e o quartel da polícia, ao qual houve apreensões, mas o líder do bando conseguiu escapar⁵⁵. Um dos primeiros autores a trabalhar sobre a ótica dos jornais foi Gilberto Freyre como fonte para a história da escravidão, seu trabalho se torna bastante relevante para quem quer abordar este assunto sobre este viés. Percebe-se que este meio de comunicação era uma forma de noticiar sobre os acontecimentos da província e da colônia/império brasileiro, ao qual os assuntos pertinentes a fuga e captura dos negros fujões estavam à vista de quem pudesse compartilhar deste modo de partilhamento. Em sua análise jornalística, Freyre observou o material do Rio de Janeiro e de Pernambuco, destacando entre outros aspectos, as indicações sobre deformidades ou deficiências físicas e marcas de castigos no corpo de escravos anunciados como fugitivos. Já no prefácio de seu livro, podemos ler a seguinte afirmação acerca dos escravos:

Os anúncios de jornais revelavam a mudança dos hábitos alimentares e a gula dos africanos. E como os escravos se vestiam. E como se comportavam. E os seus defeitos, que algumas vezes só eram defeitos aos olhos do senhor. E as suas habilidades profissionais, como as daquele escravo que era exímio músico – tocava piano e marimba – e também cocheiro e alfaiate. Mais do que qualquer outra coisa, os anúncios mostram, porém, sem o menor disfarce, a

⁵⁴COSTA, Francisca Raquel da. *Escravidão e Conflitos: cotidiano, resistência e punição de escravos no Piauí*. (1850-1888), Teresina: EDUFPI, 2014.

⁵⁵Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Diário de Pernambuco” Ano 1840, edição 00121, p. 02. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_02&PagFis=524&Pesq=escravos%20piaui%c3%ad>acesso em 27 de novembro de 2019.

crueldade a que estavam sujeitos. Pois, neles, os escravos fugidos eram muitas vezes descritos pelos sinais dos maus -tratos e castigos que sofriam. E também – como acentua Gilberto Freyre – pelas deformações decorrentes de excesso de trabalho, das condições anti -higiênicas de vida e da má alimentação. O dono não tinha pejo em identificar o escravo por marcas de ferro em brasa e por sinais de tortura, como feias cicatrizes de relho, de correntes no pescoço e de ferros nos pés. Este infeliz tinha os “quartos arriados”; este outro se apresentava “rendido”, isto é, com hérnia, ou com veias estouradas; aquele com apostemas pelo corpo. Num anúncio, um senhor reclama que lhe escapou “um escravo com o olho vazado”; noutro, o desditoso tinha os artelhos comidos; em outros, faltavam ao fugitivo os dedos da mão, a mão inteira ou um pedaço do braço.⁵⁶

Nesta citação acerca dos escravos nos jornais, percebemos a descrição minuciosa feita dos negros, é tipo que um documento de identificação dos mesmos. Nota-se o quão preconceituoso era o branco para com o negro aquela época, mas se compararmos com nossa contemporaneidade em relação ao racismo, pouca coisa se mudou, a não ser a forma velada que o mesmo é tratado. A escravidão foi o fato mais obscuro da história do Brasil onde índios e, principalmente, negros eram tratados como animais e sem qualquer direito civil, visto que como mencionamos anteriormente, se compravam, emprestavam e até alugavam escravos, em uma atividade que movimentava a economia brasileira no século XIX.

No jornal “A Época: Órgão Conservador (PI) - 1878 a 1884” do ano de 1878 uma notícia datada de 29 de Agosto passado vai abordar a prática da venda de escravos ao qual o comprador e o vendedor não entram em acordo e o primeiro faz a notícia em forma de denuncia em relação ao segundo⁵⁷, os relatos nos anúncios de jornais traziam as mais diversificadas histórias e curiosidades sobre os escravos como bem menciona Freyre no seu livro com esta temática, onde se pode observar que:

No caso de escravos à venda, os anúncios, nos jornais brasileiros do século XIX, seguiram esse modelo, como que clássico, de anúncios. No caso de escravos fugidos, porém, afastaram -se dele, para se dirigirem à compreensão do leitor através de palavras que, estabelecendo “tipos de familiaridade” em torno do assunto – escravos – estabeleciam, também, nas relações necessariamente francas e inevitavelmente honestas que criavam entre o leitor, o anunciante e o objeto anunciado, alguma coisa de científico, dirigindo -se, de algum modo, à “experiência”, à “compreensão” e à “reflexão crítica” do leitor: característicos, segundo Pe. Lonergan, da linguagem científica. Daí ser possível uma utilização toda especial, em Antropologia e noutras ciências, daquele gênero de anúncios. O que não significa que os anúncios de escravos à venda, ou para alugar, devam ser considerados de todo desprezíveis do ponto de vista cientificamente antropológico. Apenas sua linguagem não é a

⁵⁶FREIRE, Gilberto, *Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*, 1ª edição digital São Paulo 2012.

⁵⁷Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “A Época: Órgão Conservador (PI) - 1878 a 1884”, Ano 1878\Edição 00001 p. 03. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=164135&pasta=ano%20187&pesq=escravos>> acesso em 27 de novembro de 2019.

“científica”, da maioria dos anúncios de escravos fugidos que, no Brasil, começaram a aparecer logo que aqui se estabilizou a imprensa, nos começos do século XIX.⁵⁸

Analisando as narrativas jornalísticas, pudemos perceber que as narrativas colocadas em suas páginas se tratavam basicamente do castigo imposto as fujões, das vendas e dos alugueis de escravos assim como das fugas destes. Mas no estudo acerca das formas de resistência desse povo, notamos também os laços de compadrio⁵⁹ entre os senhores de escravos e estes, essas práticas se fizeram presente com aqueles mais chegados aos senhores de escravos que demonstravam certa sociabilidade entre as duas categorias.

Nos últimos anos, houve um crescimento nos estudos sobre a experiência escrava na história da escravidão no Brasil. Focando, sobretudo, mas não exclusivamente, nas redes de sociabilidade e solidariedade que foram construídas entre escravos, homens e mulheres, que impunham limite a vontade senhorial, demonstrando a existência de projetos e ideais próprios, lutas e conquistas de pequenas e grandes vitórias por parte da escravaria no século XIX. {...} O reconhecimento das possibilidades de escravos influenciarem em suas condições de vida no cativeiro, na obtenção de liberdade, na formação e manutenção de famílias, foi incorporado por parte significativa da historiografia sobre a escravidão no Brasil a partir da década de 1970, em contraposição às análises que cristalizavam a anomia e a reificação dos escravos, realizadas, sobretudo, pela chamada Escola Sociológica Paulista. Dentro dessa perspectiva da Escola Sociológica Paulista, destaca-se os trabalhos de Emília Viotti, Florestan Fernandes e Roger Bastide.⁶⁰

Nota-se que há uma esperança aos escravos com este tipo de evento praticado entre eles e os senhores de escravos, visto que ao dar um filho para o senhor apadrinhar, cria-se uma noção de proximidade e proteção para com estes, tornando-se possível o escravo influenciar no modo de vida em seu cativeiro, na obtenção de liberdade e na formação e manutenção de famílias, pois ocorre com este ato uma ilusão de paternalismo entre estas classes. Como podemos observar, houve uma diversidade de práticas de resistências em que basicamente todas levavam a fuga e em última instância, ao suicídio. Através destes acontecimentos e pela pressão vinda de outros países para a abolição da escravidão, foi que no dia 13 de maio de 1888 o Brasil acolheu a decisão e tornou pública a abolição da escravatura, deixando centenas de milhares de negros e negras escravas as ruas, sem terem expectativa de sobrevivência, tornando-se presença

⁵⁸FREIRE, Gilberto, *Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*, 1ª edição digital São Paulo 2012.

⁵⁹Análise feita por Joelma Santos da Silva para observar as relações de compadrio estabelecidas pelos escravos do sertão do Piauí oitocentista. Com esta finalidade apresenta as redes de sociabilidade e solidariedade construídas entre escravos e livres, negros e brancos, homens e mulheres, como estratégias de resistência cotidiana da escravaria piauiense para influenciar as suas condições de vida, e de seus filhos, no cativeiro.

⁶⁰SILVA, Joelma Santos da. *Os laços de compadrio como estratégia de resistência cotidiana entre os escravos do sertão do Piauí oitocentista*. Macapá, v. 3, n. 1, jan./jun. 2016.

constante nas ruas das províncias brasileiras em especial nos grandes centros urbanos. Muito embora os domínios das ruas não aplacou as mazelas da escravidão, porém, tornou ainda mais suportável passar por tal situação. O Brasil assim como não devia ter aceitado a escravidão através dos seus colonizadores, não estava preparado para lidar com a quantidade de escravos libertos que surgiram após se cumprir a lei da abolição, e como até hoje continua despreparado de políticas públicas e sociais que possa beneficiar a população mais abastada da sociedade, mudou-se a forma de se colonizar, mas em muitos aspectos, ainda parecemos colônias de outrem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até este momento podemos destacar as constantes lutas dos escravos para se chegar a liberdade que em outros tempos tiveram em seu país de origem. Percebemos as fugas e formações de comunidades negras de ex escravos como uma das formas mais praticadas de resistência e sobrevivência da cultura escrava que se misturou com as dos povos brasileiros. Na verdade, nós brasileiros somos uma mistura de várias etnias e em sua maioria a negra africana, é triste constatar que o país que pode ser considerado como um de raízes mais negra fora do continente africano, ainda conserve traços tão marcantes de uma colonização seletista, escravista e racista.

O estudo acerca desta temática, a escravidão, é um dos tópicos mais encontrados em pesquisa do Google, basta clicar escravo que aparece uma vasta e extensa seleção do assunto, mas ainda é recorrente uma visão eurocêntrica sobre os escravos. Estes sujeitos estão sempre as margens da história, onde até os grandes heróis do movimento a favor da liberdade escrava, em muitas narrativas são colocados como inimigos da nação. Vivemos em uma sociedade racista e vejo como forma de mudar tal situação o seio familiar, escolar e acadêmico. A família tem um papel importante na luta e no enfrentamento desta situação gritante que é o preconceito para com os negros, as escolas e os centros acadêmicos também devem servir de suporte para modificar este sistema que continua enraizado em nossa cultura.

Diante de todo o exposto na pesquisa sobre as práticas de resistência escrava do Piauí Oitocentista, podemos perceber o quão este estudo se faz importante para compreendermos a nossa formação social que em muito não se difere do restante do país. Observamos que durante a segunda metade do século XIX o Piauí ainda não apresentava um grau de desenvolvimento acentuado tendo sua capital assim como os grandes centros urbanos como Oeiras e Parnaíba na época, vivendo ou pelas as fazendas públicas e particulares, ou dos pequenos comércios que começavam a surgir com as chegadas dos imigrantes que viriam a popular esta região a mando da coroa ou fugidos de outros estados. Muitos dos escravos que aqui adentravam como fujões, utilizavam estas rotas devido as bacias hidrográficas que abasteciam nossa região e ainda abastece a capital, tornando desta forma o Piauí como uma zona de passagem e contato escravo.

Ao estudarmos mais detalhadamente sobre a escravidão, nem sempre conseguimos concluir ou responder nossas indagações, pois percebemos que através das análises acerca deste tema, responde-se umas dúvidas e acrescenta-lhes outras. É nesta dualidade que se encerra este ciclo, na certeza que muito aprendemos sobre a escravidão não só no Piauí, mas o Brasil como um todo, mas tendo a certeza de que ainda há muito o que pesquisar, compreender e aprender sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.
- BRANDÃO, Tânia Maria Pires. *O Escravo da Formação Social do Piauí: Perspectiva Histórica do Século XVIII*. Teresina: Ed. UFPI. 1999.
- CARDOSO, Débora Laianny. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI ISBN: 978-85-98711-10-2.
- CASTRO, Gabriela Tardelli; PAPALI, Maria Aparecida Ribeiro. *Resistência a Escravidão: suicídio de escravos em Campinas durante o período de 1871 a 1877*. XXII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XVIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e VIII Encontro de Iniciação à Docência - Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2018/anais/arquivos/RE_0434_1207_02.pdf> acesso em 27 de novembro de 2019.
- COSTA FILHO, Alcebíades. *Atividades econômicas e sociedade*. In: A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850 – 1889). Teresina: Fundação Cultural monsenhor Chaves, 2006.
- COSTA, Francisca Raquel da. *Escravidão e Conflitos: cotidiano, resistência e punição de escravos no Piauí. (1850-1888)*, Teresina: EDUFPI, 2014.
- COSTA, Francisca Raquel da. *Violência e resistência: o cotidiano da mulher escrava no Piauí Oitocentista*. Vozes, Pretérito & Devir Ano III, Vol. VI N° I (2016), Dossiê Temático: História, África e Africanidades.
- COSTA, Francisca Raquel da. Além da Liberdade: Práticas de reescravização de libertos e pessoas livres no Piauí. 1850-1888. CONTRAPONTO: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 3, n. 1, agosto de 2014.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. *Na oficina do historiador: Conversas sobre História e Imprensa*. Projeto História, n. 35, p.253-270. São Paulo, 2007.
- DANTAS, Paulo Roberto de Carvalho. *Negras e Mulatas na Vida Sexual da Família Piauiense no Século XIX*. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.) *Escravidão negra no Piauí e temas conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014.
- FALCI, Miridan B. K. *Escravos do Sertão: Demografia, Trabalhos e Relações Sociais*. Teresina: FCMC, 1995.
- FERRARI, A. *A Voz do Dono (uma análise das descrições presentes em anúncios de fuga de escravos publicados na cidade de Campinas entre 1870-1876)*. Dissertação de Mestrado. IEL Unicamp. Campinas 2001.

FREYRE, Gilberto. *Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*, 1ª edição digital São Paulo 2012.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal; apresentação de Fernando Henrique Cardoso*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GIACOMINI, S. M. *Mulher e escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

LIMA, Solimar Oliveira. *Braço forte: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí (1822-1871)*. Passo Fundo: UPF, 20005.

LIMA, Solimar Oliveira, SOARES, Débora Laianny Cardoso. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011*.

LIMA, Tatiana Silva de. *Domésticos, servos e criados: trabalho doméstico no Recife de meados do século 19*. Revista ALPHA. Patos de Minas: UNIPAM, (10): 119-129, dez. 2009.

MAGALHÃES, E. K. C.; GIACOMINI, S. M. A escrava ama-de-leite: anjo ou demônio? In: BARROSO, Carmem; COSTA, Albertina de Oliveira (Org.). *Mulher, mulheres*. São Paulo: Cortez, 1983, p. 73-88.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. *Africanos livres*. In: SCHWARCZ, Lilia M., GOMES, Flávio (Org.) *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. Companhia das letras. 2018.

KNOX, Miridan Britto. *Escravos do sertão – Demografia, trabalho e relações sociais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. 21 ed.- São Paulo: Contexto, 2010.

PIROLA, Ricardo F. *O castigo senhorial e a abolição da pena de açoites no Brasil: Justiça, imprensa e política no século XIX*. rev. hist. (São Paulo), n.176, a08616, 2017.

RÊGO, Ana Regina ou Rêgo, a.r.b.l. *Jornais monarquistas piauienses - mapeamento da temática republicana no final do segundo reinado*. In: 3º encontro nacional da rede alcar, 2005, Novo Hamburgo -RS. 3º encontro nacional da rede alcar. Novo Hamburgo -RS: feevale/rede alcar, 2005.

SILVA, Joelma Santos da. *Os laços de compadrio como estratégia de resistência cotidiana entre os escravos do sertão do Piauí oitocentista*. Macapá, v. 3, n. 1, jan./jun. 2016.

SILVA, Mairton Celestino da. *Batuque nas ruas dos negros: Cultura e polícia na Teresina da segunda metade do século XIX*. Salvador – BA, 2008.

SILVA, Robson Roberto. A presença das amas-de-leite na amamentação das crianças brancas na cidade de São Paulo no século XIX. ANTÍTESES, v. 9, n. 17, p. 297-322, jan./jun. 2016.

SOARES, Débora Laianny Cardoso; LIMA, Solimar Oliveira. *Escravidão e Violência: debates e tendências na historiografia piauiense*. Revista Eletrônica. Ano 1, nº1, Agosto de 2013.

SOUSA, Talyta Marjorie Lira. *História e Memória da População Negra: Os Escravos nos Anúncios de Jornais Teresinenses no Século XIX*. In.: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.) *Escravidão negra no Piauí e temas conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014.

MONOGRAFIAS

SILVA, Sibely Martins. *Cotidiano Escravo no Piauí: Resistência dos escravos e as arbitrariedades dos senhores fazendeiros no século XIX (1870 – 1880)*. Universidade Federal do Piauí, Camp. Senador Helvídio Nunes de Barros, 2016.

FONTES:

JORNAIS – BIBLIOTECA DIGITAL DO RIO DE JANEIRO: <
<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 27 de Novembro de 2019.

“Diário de Pernambuco” Ano 1840, edição 00121, p. 02. Disponível em: <
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_02&PagFis=524&Pesq=escravos%20piaui%c3%ad>acesso em 27 de novembro de 2019.

Jornal “A Época: Órgão Conservador (PI) - 1878 a 1884”, **Ano 1878\Edição 00001** p. 03. Disponível em: <
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=164135&pasta=ano%20187&pesq=escravos>> acesso em 27 de novembro de 2019.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Inventário Dona Romana. Fundo poder judiciário, Inventários Teresina, 1875-1876.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Inventário do Major Raimundo de Lima, Teresina, 1884.

NUPEM. Núcleo de documentação e Memória do Piauí. Jornal O Expectador, 1961.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
 “JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Silvana Pereira Santos Emídio, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **Trabalho Escravo no Piauí: As práticas escravocratas e as formas de resistências no Piauí Oitocentista (1840 – 1890)**, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 24 de Agosto de 2021.

Silvana Pereira Santos Emídio

Assinatura

Silvana Pereira Santos Emídio

Assinatura